



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14448 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

Para não seguirmos lassos nesse mundo. Currículo como rasura e performance como pele: escapes em tempos fascismo

Ana Carolina Justiniano Melotti - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: Cnpq

PARA NÃO SEGUIRMOS LASSOS NESSE MUNDO1 . CURRÍCULO COMO RASURA E PERFORMANCE COMO PELE: ESCAPES EM TEMPOS FASCISMO

lasso adj. 1 fatigado, esgotado (por trabalho excessivo do corpo ou da mente); cansado (...)

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo pensar a performance na educação como invenção de um currículo cujas criações fazem surgir uma nova pele e se constituem como efeitos das insurreições que desfazem versões oficiais. A pele, pensada para além da pele física, é inventada e lugar de desdobramento. A performance é vista como o que é produzido nos estratos da pele-passageira para estados intensivos de forças anônimas e existência. Entende a performance como invenção que se faz quando seus movimentos desafiam a representação imposta à educação por vias políticas estranguladoras e ressalta a força política da escola pública pela invenção que potencializa a criação como forma de resistir coletivamente. Evoca a necessidade de evidenciar movimentos criantes em tempos de políticas tóxicas pela cartografia de movimentos de uma escola pública. O trabalho destaca, sobretudo, a necessidade de se criar saídas diante das incessantes tentativas de retirada do fôlego e guerras que têm sido travadas contra a vida. Busca fôlego teórico em conceitos de Deleuze e Guattari para pensar na diferença como escape e conclui que a performance se constitui como invenção que produz efeitos em contato com as forças do mundo ao criar outras peles possíveis.

Palavras-chave: Currículo. Performance. Educação. Escola pública.

- Eu fico pensando até quando a gente tem fôlego para inventar moda na escola, mas é engraçado, eu falo que não vou mais me matar, e fazer só o que tem que ser feito, mas não tem jeito, é chegar aqui a gente é levado, isso é do professor, a gente reclama? reclama, mas

não se entrega e faz! Essa força é própria escola que faz, todo dia. Isso não se inventa do dia pra noite, nasce de muito trabalho, cansaço, mas também da alegria de estar juntos aqui todos os dias  
(Fragmento de conversa).

Uma pele se faz num mundo que apesar de atual, parece estar de tempos em tempos, na eminência do fim. Em meio aos movimentos do mundo e aos encontros de corpos, professores e alunos se fazem pele e superfície. Se por um lado isso nos obriga a lidar com as durezas do mundo, por outro temos aquilo que emerge em nossas sensações como resistência a um estado de esgotamento para com ele. Resistir a este esgotamento, a estarmos lassos do mundo e seguir não apenas resistindo, mas também existindo, é algo que pode nos fazer, apesar de tudo e ainda, inventar uma pele-superfície nova, que re-existe na escola.

Inventar uma pele curricular por uma performance é, antes e tudo, problematizar e lançar problemas e provocações. Incitar, e ao mesmo tempo ter o próprio pensamento incitado. Explicar, transpirar e esgotar em uma docência que capta algo de intolerável, como a manifestação de uma espécie de ideia política, uma percepção crua e nua da alienação, da condenação a certa morte. Cartografamos movimentos em uma escola pública, no ensino médio, quando ouvimos:

- Professora, Bolsa Família é coisa de vagabundo.

Uma explicação visceral é o rasgo de uma pele arranhada pelo que perturba e pelo intolerável que nos rodeia. A voz da professora toma forma no corpo se desborda em gestos que extrapolam a fala ao pegar a lixeira e pedir:

- Joguem as bolinhas de papel e tentem acertar a lixeira de papel cada um de um lugar da sala. Um lá de trás, ou outro aqui na frente. E aí?

Ao extrapolar com o corpo, ao enfrentar o indizível, a professora não se insere numa trama preexistente: inventa um corpo que fala, cria uma pele saturada pela nuvem de opressão dos discursos fascistas da atualidade. Irrompe uma performance transpirada por uma pele que não sucumbe ao silenciamento que tentam impor a professores das disciplinas consideradas “ameaçadoras”, como história, sociologia e filosofia.

Se uma performance como defendemos aqui enseja novas criações, novos possíveis, quando se acredita que tudo está perdido, pensamos que há processos que irrompem quando a vida diz não às forças de assujeitamento que insistem em prevalecer num tempo que as próprias vidas não veem outra saída que não seja uma criar uma nova pele. Essa dissonância ao ter o pensamento movido, violentado por uma rajada dá vida a novas formas de insurreição, impensadas, um modo de dizer não às amarras dos discursos de morte e gritar um silêncio numa aula de sociologia.

Uma explicação se estilhaça e traveste em formas mil. Morre para nascer outra. É a reivindicação de uma professora que aposta na vida, no mundo e em outros mundos possíveis. Potência de um pulsar, fluxos, intensidades, que nos arrastam a fazer ver sua reivindicação durante a aula em movimentos de mundo. Um grito como reivindicação de um povo (LAPOUJADE, 2017), de um gesto político que rasura coordenadas, cria peles. Gritar uma performance, plastificar-se, metamorfosear-se como forma de resistência, não só por re-existir no sentido de fazer pensar e compor com uma multiplicidade de afetos, de emoções, de percepções que não podem abrir uma passagem na linguagem sem deformá-la.

A vontade que vem como um corpo que não quer seguir lasso nesse mundo e pensar com os alunos.

- As chances são iguais? Então o que podemos fazer juntos?

Injustiça, desigualdade social produzem um vibrar na professora que pode ser entendido como falta de controle. Ouvir que Bolsa Família é coisa de vagabundo bastou para disparar uma pele em um tempo em que a onda fascista e todo tipo de discurso que mutila a desigualdade ganha força e leva ao esgotamento (PELBART, 2013a).

- Hoje em dia, como tudo que estamos vivendo, como um professor de história e sociologia faz? Finge de morto? Dá uma de isentão? Ou vive medindo as palavras? De tudo um pouco. O que a gente não pode fazer é deixar de colocar os alunos pra pensar, provocar mesmo!

Rasgar-se para explicar, tem sido uma saída de professores diante do assombro incessante do fascismo. O combate na educação tem sido árduo em meio a fluxos de medo, de ódio e violências disseminadas que parecem ter saído do controle. A atmosfera tóxica tem sido um fator decisivo para passar reformas e retrocessos e disseminar discursos de morte, sufocando professores em limites intoleráveis. Dor e angústia tornam-se assim, efeitos de mundo na educação e na escola pública vitimada pela ausência do Estado em várias instâncias. Problematicando a dúvida da professora, sobre o que teria feito os alunos se enganarem e se iludirem, Deleuze e Guattari (2010b) deslocam a pergunta para o que teria feito as massas desejarem o fascismo? Entendemos que esse processo de produção de dor e angústia passa pela produção incessante de desejo do capitalismo. Processo no qual, somos vítimas e cúmplices. Certamente, não podemos esquecer que o componente escravocrata é um dos elementos do fascismo (MBEMBE, 2018). Logo, é preciso colocar em dúvida sistemas vigentes. Desconfiar das categorias. Desfazer pares da significância e interpretação. Pensar os movimentos curriculares como performance em nos ajuda a pensar novos pontos de partida para refletir sobre as relações curriculares na educação como uma saída para afirmar as criações que se desenham nos currículos como performances. Deleuze e Guattari (2010b) nos chamam atenção para uma máquina social na qual circulam desejo e repressão, dois movimentos de potência e desejo, mas também de morte. Obviamente, não nos referimos à morte inerente ao desejo, mas a um desejo de morte socialmente produzido: morte às diferenças, às pobreza, aos destituídos, aos desprovidos. As performances como peles de escapes nos forçam a pensar em um currículo com força de luta pela vida, atravessado pelo desejo de expandir, pela vontade de potência que faz ir além do estabelecido compondo um currículo que se afirme como potência de vida, alegria, e que combata o desejo de morte mobilizado pelo projeto macropolítico de poder e de extermínio que naturaliza algumas mortes.

Diante de tanto sufocamento, não sucumbir e não desistir e nos cala passam a ser uma estratégia. Há controle entre o que pode ser dito, ensinado. Crescem os alertas contra professores “doutrinadores”. Só os movimentos fazem os currículos desbordar nesses tempos em que somos todos tomados pelo cansaço, quando esferas totalitárias têm encorajado a vigilância dos professores contra o que a direita conservadora chama de comunismo e configuram sufocamentos cada vez mais nefastos, o que, de certa forma, escancara a força política das escolas.

Produzir devires e escapar das amarras da organização, especialmente frente às políticas atuais cujo organismo necropolítico chancela quais virtualidades são possíveis. Uma performance, pele nascida e escamada no seu próprio ritmo quando tudo é retirado. É quando um currículo chega a um limite imanente e explode em marés vazantes.

- Não é só fazer cartazes e pregar na parede. Nós conversamos nas aulas. Ouvimos, discutimos.

Com a onda de ignorância que tá nesse mundo a gente não entra na aula falando mal de político, mas juntos, a gente se fortalece e mostra pro aluno quanta falta de respeito tem hoje em dia contra o gay, o negro e as mulheres. São muitas aulas conversando, escrevendo. Isso ajuda a pensar no que incomoda, te toca.

O currículo sofre de um esgotamento da velocidade, da representação, do monitoramento da vida em tempos de ascensão do fascismo. Há um esgotamento das condições de trabalho, uma sociedade em crise, ao se ver aquela sala de aula composta por jovens trabalhadores, cujas vidas são quase totalmente subsumidas pelo trabalho, reforçarem o discurso que os oprimem.

O balançar da lixeira é como um grito contra a mordaca que tenta nos colocar, nos calando e ensinando o que é do bem, o que se deve ensinar, como se deve pensar, como se fosse possível controlar o devir e os currículos que acontecem sorrateiramente. A potência rizomática do currículo não se contém diante de uma política de regulação, de uma concepção curricular articulada a premissas de uma avaliação padronizada em alta escala, cuja noção de competência é atrelada a metas.

- Eles se enganam completamente quando pensam que o aluno é vazio e não consegue tirar suas próprias conclusões. - Essa história de querer o aluno alienado é velha. Agora só voltou com mais força. E tem mais, como uma coisa dessa é possível? Isso é pra criar uma agitação e distrair o povo como besteira. Desanimar o professor é fácil, mas enfraquece a educação nunca ninguém conseguiu.

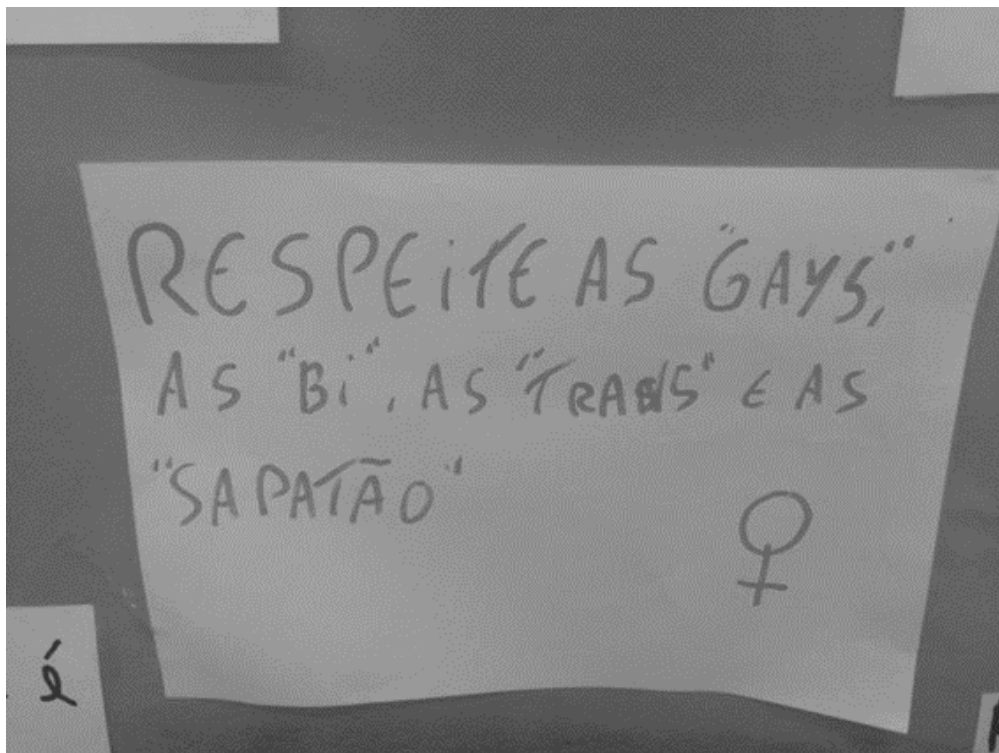
As políticas supressoras de vidas não conseguem congelar as irrupções. A explosão da professora, desgastada com a toxidade do momento político aparece como um transbordamento: “[...] é como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção a uma destinação não conhecida, não preexistente” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146). Basta um lampejo para a fissura acontecer, marcar um limiar de resistência. Quando já não se suporta mais, novas relações de velocidade se modificam, paralisam e movimentam, como performances, e instauram clandestinidades para oxigenar um currículo criador. Performances insurgem como resistência aos automatismos, como uma prática em uma situação-limite, um corpo em constante devir (CARVALHO 2019), destituído de uma organização cartesiana e atravessado por potências. A um currículo límpido, estático de águas claras e margens seguras preconizadas pela Base, nunca se chega. Pela performance como pele os currículos são próprio corpo em devir, o corpo que se deixa afetar pelo mundo, atravessar por forças, metamorfoseando-se, fugindo da linearidade e atualizando-se a cada instante.

Paredes duras, frias, transbordam diante da aridez dos tempos e potencializam afetos, expressam transições de potência entre um estado e outro. Os encontros, aprendemos, podem ser com qualquer espécie (DELEUZE, 2002b). Paredes permeiam as escolas não por constituírem uma membrana que separa, mas para nos abriremos para as rachaduras que não param de rizomar a imanência.



Mural de bons pensamentos. Fonte: Arquivo e pesquisa.

- Não é só fazer cartazes e pregar na parede. Nós conversamos nas aulas. Ouvimos, discutimos. Com a onda de ignorância que tá nesse mundo a gente não entra na aula falando mal de político, mas juntos, a gente se fortalece e mostra pro aluno quanta falta de respeito tem hoje em dia contra o gay, o negro e as mulheres. São muitas aulas conversando, escrevendo. Isso ajuda a pensar no que incomoda, te toca.



Fonte: arquivo de pesquisa.

Os cartazes nas paredes da escola nos recordam que há um currículo que gira, desloca o centro da roda e desliza traçados impensáveis, faz de cada acontecer, uma imagem e paisagem que força de alguma forma a pensar. Confirmam a vocação para a diferença e nos lembram de que é preciso evitar o desfalecimento, o surto, as vacilações e criar bolsões de vida. As paredes nos sugerem que vazam nos currículos espaços que implicam o esvaziamento de

representações de seus automatismos, pensa a professora:

- Muitas coisas não são ditas, muitas vezes não falamos, então vamos colocar nas paredes o que eles querem, gostam. É uma forma de suportar juntos, colocar pra fora...

Os currículos, que não são paralisados pelas políticas, vazam pelas paredes, porque lidam com representações sedimentadas e cristalizadas de sensações, de afetos, de desejos. Pensar os currículos como experimentação, como um espaço onde possam circular intensidades ainda não nomeadas, não mapeadas, conforme podemos observar quando as paredes não se calam.

As políticas totalitárias e fascistas certamente não conseguem dar conta dos efeitos produzidos nos encontros que nos fortalecem como gritos por vida. As criações, rasgos que percorremos na escola e nas conversas com professores sugerem currículos que resistem às políticas praticadas cotidianamente em a fluxos e artes de artistar um currículo (CORAZZA, 2003) diante de uma atmosfera cada vez mais inóspita.

Assim, entendemos que as performances fazem novas peles no currículo em revide às políticas sufocantes e produzem deslocamentos que trazem como sopro de vida a potência de criação para rasurar um currículo, abrir os poros, manchar a pele, desafiar a dureza da significância, criar uma performance como pele, e em cada poro fazer um mundo novo, possível.

#### Referências

- AMORIM, Antônio. C., FERRAÇO. C. E. Micropolítica, Democracia e Educação. Revista Teias, v. 18, n. 51, Out./Dez. 2017.
- APOLLINAIRE. “Zona” in: Alcoóis (edição bilíngüe), São Paulo, Hedra, 2013
- CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- DELEUZE, G.; PARNET. C. Diálogos. São Paulo: Editoria Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2012b. v. 4.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim/Guide, 2010b.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. Educação Temática Digital – ETD, v. 21, n. 1, p. 47-62, jan./mar. 2019.